

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | REVOLUÇÃO**  
**2 de Setembro de 2024**

**NOW / 1965**

Realização: Santiago Álvarez / Direcção de Fotografia: Pepin Rodriguez e Alberto Hernández / Canções: "fiava Nagila", canção popular hebraica; e "Now", interpretada por Lena Horne / Montagem: Norma Torrado e Idalberto Gálvez / Produção: ICAIC / Cópia: DCP, preto e branco, versão original / Duração: 5 minutos.

**HANOI MARTES 13 / 1967**

Realização e Argumento: Santiago Álvarez / Direcção de Fotografia: Ivan Nápoles/ Música: Leo Brouwer/ Animação e Trucagens: Jorge Pucieux, Pepín Rodriguez e Adalberto Hernández/ Som: Carlos Fernández/ Montagem: Norma Torrado e Idalberto Gálvez / Texto: José Martí/ Produção: Instituto Cubano del Arte e Industrias Cinematográficas (ICAIC)/ Cópia: em 35mm, preto e branco e cor, legendado electronicamente em português/ Duração: 38 minutos.

**HASTA LA VICTORIA SIEMPRE / 1967**

Realização e Argumento: Santiago Álvarez / Fotografia: Enrique Cardenas, Arquivos ICAIC e ICR/ Animação: José Martínez, Jorge Pucieux, José Rodriguez e Adalberto Hernández/ Montagem: Norma Torrado e Idalberto Gálvez/ Música: Idalberto Gálvez/ Produção: ICAIC/ Cópia: DCP, preto e branco, legendado electronicamente em português / Duração: 25 minutos/ Inédito comercialmente em Portugal.

**LBJ / 1968**

Realização: Santiago Álvarez / Direcção de Fotografia: Pepin Rodriguez e Alberto Hernández/ Música: Leo Brouwer/ Trucagens: Jorge Pucieux/ Montagem: Norma Torrado e Idalberto Gálvez/ Produção: ICAIC/ Cópia: DCP, preto e branco e cor, legendado electronicamente em português / Duração: 18 minutos.

**79 PRIMAVERAS / 1969**

Realização e Argumento: Santiago Álvarez / Direcção de Fotografia: Iván Nápoles/ Montagem Sonora e Musicalização: Idalberto Gálvez/ Montagem: Norma Torrado/ Textos: Ho-Chi-Minh e José Martí/ Produção: ICAIC/ Cópia: em 35mm, preto e branco, intertítulos e legendas em português/ Duração: 23 minutos.

*Filmes de Santiago Álvarez*

**AVISO: Devido à variedade de suportes e origens das cópias reunidas para esta sessão, a qualidade de imagem dos filmes apresentados é muito variável.**

Santiago Álvarez disse uma vez que "no cinema documental está a história da nossa revolução". Por isso, "prefiro-o a qualquer género, já que me sinto mais jornalista do que cineasta e mais revolucionário do que jornalista". Em mais do que um sentido estas palavras resumem com a maior exactidão possível tanto a atitude de Santiago Álvarez como a obra que dela resultou. Se Álvarez é o "cronista da revolução" cubana, é também alguém que nunca deixou de pensar essa "crónica" como parte integrante e actuante da própria revolução. Os seus filmes são então "filmes de propaganda", no sentido nobre da expressão, e como tal se oferecem sem subterfúgios.

Os filmes que veremos hoje, são, a este respeito, esclarecedores. Começamos com **Now**, pequeno filme de cerca de cinco minutos, mas cuja duração é inversamente proporcional ao seu carácter "explosivo" –

o "New York Times" à época, disse dele que era "tão violentamente brusco como cinematograficamente elegante". **Now** é o título de uma canção, que nos surge na voz de Lena Horne, sobre as relações entre negros e brancos na América do Norte – e a sua acutilância fez com que as autoridades de vários estados do Sul dos Estados Unidos a proibissem. Sobre esse fundo musical, Álvarez constrói uma montagem elaborada a partir de fotografias que retratam a violência e os abusos sofridos pela comunidade negra americana. Há, momentos brutais, mas também há ironia – e veremos, nestes e noutros filmes, como a conjugação de uma coisa e outra constitui uma das "armas" principais do cineasta. Se, como se disse acima, Álvarez entende o cinema como um "acto político" em si mesmo, **Now** é a melhor maneira de ficarmos a perceber o que é que isso pode querer dizer.

Em **Hanoi, Martes 13** continua-se a falar do "inimigo americano". O tema, como o título facilmente deixa sugerir, é agora a "agressão yankee" ao território vietnamita. Álvarez estrutura o filme a partir de um texto de José Martí (o líder da guerra pela independência de Cuba, no final do século XIX) escrito em 1889 sobre a luta pela liberdade dos "anamitas", povo do sudoeste asiático. A introdução começa por contar essa história ao mesmo tempo que se mostram imagens de pinturas e gravuras feitas por artistas vietnamitas de há alguns séculos; a seguir, conta outra história: a do nascimento de um "monstro" chamado Lyndon Baines Johnson em 1908, no Texas. Pelo choque e (mais uma vez) pela ironia, entramos assim no verdadeiro tema do filme: "o genocídio do povo vietnamita". Álvarez entrega-se por completo às imagens, brutais, das consequências dos actos de guerra norte-americanos sobre as populações vietnamitas. Abstendo-se de comentários, acredita na articulação das imagens com a música e nos efeitos de montagem (as lições de Eisenstein ou de Vertov andam por perto) para criar uma outra imagem, abrangente, da monstruosidade que pretende revelar. A palavra "brutal" faz todo o sentido.

**LBJ** usa procedimentos semelhantes, mas vai talvez mais longe nas implicações que sugere. O título **LBJ** vale pelas iniciais de Lyndon Baines Johnson, mas vale também por três assassínios célebres dos anos sessenta americanos. O de Luther King, o de Bob Kennedy e o de John Fitzgerald Kennedy. Mais do que insistir nas hipotéticas responsabilidades de Lyndon Johnson nesses três casos, Álvarez utiliza as iniciais e a figura de Johnson como uma espécie de metáfora da violência que caracteriza os Estados Unidos. A sua "tese" seria qualquer coisa como isto: um país fundado pela violência nunca mais se livraria dos seus germes, que se reproduziriam e manifestariam "ab eternum". A América seria então um produto da sua própria violência interna, espécie de mal congénito cujos efeitos não cessariam de se agravar. No mesmo estilo "explosivo" de **Now**, **LBJ** vale tanto como um bombardeiro – para glosar a frase de Churchill sobre **Mrs. Miniver**.

Bastante diferente é **79 Primaveras**: uma evocação da personalidade de Ho-Chi-Minh por altura da sua morte, em jeito de obituário comovido. Mais uma vez, Álvarez faz amplo recurso de imagens de arquivo, traçando o percurso e os feitos do lendário líder vietnamita. Mistura material filmado durante as cerimónias fúnebres, como por exemplo a chegada de inúmeras personalidades (entre outros, Fidel Castro) à sala onde se faz o velório de Ho-Chi-Minh, e não esconde a intenção "documental" de fazer um pequeno compêndio do que foi a vida do vietnamita mais célebre de todos os tempos. Não é, no entanto, um verdadeiro "requiem": como nos avisa uma legenda, "a morte não é verdadeiramente morte quando a obra da vida se concluiu".

Luís Miguel Oliveira

**Hasta la Victoria Siempre** é uma comovida homenagem ao mítico herói da revolução, Ernesto "Che" Guevara, agora de novo nas páginas dos jornais com a trasladação dos seus restos mortais (ou identificados como tal) para Cuba. Santiago Álvarez retrata o percurso do guerrilheiro, usando em particular um dos seus mais famosos discursos, desde a sua origem até à luta na Sierra Maestra, mostrando-nos a sua entrada em La Habana, com os restantes "barbudos" na marcha da vitória. O filme é mais ilustrativo, como se Álvarez quisesse principalmente, fixar a figura do herói, mostrando-nos depois a sua "aventura" internacionalista, primeiro em África, depois na Bolívia onde encontraria o fim, assassinado pelos militares.

Manuel Cintra Ferreira